

JARDIM MONTE AZUL

Professora faz 25 anos de exercício da cidadania

Alemã fundou associação na Favela Monte Azul com alunos de classe média

RENATA GAMA

O desafio de reduzir o abismo social entre crianças de classes sociais diferentes foi o que moveu a professora alemã Ute Craemer para uma causa que já completa 25 anos. Seguidora da antroposofia – vertente pedagógica defendida pelo pensador Rudolf Steiner –, ela procurou aplicar os conhecimentos e a experiência nas comunidades que estavam ao alcance. “Acho que o Brasil precisa criar pontos de contato entre as classes sociais. Na Alemanha, essas diferenças existem, mas são bem pequenas. Quando cheguei aqui, fiquei surpresa e quis ajudar a diminuí-las.”

Há quase 30 anos, ela dava aula para algumas turmas de uma escola da classe média alta paulistana, no Alto da Boa Vista, e chamou os alunos para passar duas vezes por semana às tardes na casa dela, na Vila das Belezas. Lá, eles se encontravam com crianças que viviam na Favela Monte Azul, que estudavam em outras escolas e eram analfabetas. Eram momentos de muita descontração, brincadeira, conversa e intercâmbio social. Todos tinham algo para ensinar e aprender. “Cada criança, seja pobre ou rica, é um ser humano. E no fundo quer a mesma coisa: uma vida digna.”

A ideia cresceu e foi ganhando mais e mais participantes, até que os encontros passaram a ocorrer todas as tardes e já reuniam mais de cem crianças. Neste momento, Ute resolveu montar uma escolinha, com a finalidade de manter um local fixo para os encontros. “Consegui um terreno, que foi doado pela Prefeitura, onde hoje funciona o nosso Centro Cultural. E comecei a arrecadar verbas.” Em 1979, foi criada a Associação Comunitária Monte Azul, que completa 25 anos.

Mais tarde, os pais dos alunos começaram a colaborar com o projeto. Hoje, a ação se estende a várias comunidades e ganhou outros dois núcleos: Penha e Horizonte Azul, na zona sul de São



Fotos Divulgação

Ute Craemer resume filosofia: “Cada criança, seja pobre ou rica, é um ser humano. E no fundo quer a mesma coisa: uma vida digna”



Hoje, iniciativa conta com mais de 200 voluntários, em 3 núcleos, e uma arte e geração de renda



Paulo. Cerca de 200 pessoas, entre estrangeiros e brasileiros, participam como voluntários. Às tardes de recreação deram lugar a aulas de artes plástica, música, teatro e a oficinas profissionalizantes, de geração de renda. “Educação não é só aprender a

ler e a escrever.” Grandes empresas também abraçaram a causa e patrocinaram projetos relacionados à saúde dos moradores, incluindo ambulatórios.

Números – Depois de 25 anos de trabalho ininterrupto com

bi que havia coisas muito cruéis que ocorriam na favela, como matarem homossexuais ou encontrarem um feto morto, hoje algo quase impossível de se pensar.”

E os números comprovam o sucesso. De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas em 2000, os índices de violência na favela estão abaixo da média registrada nas demais comunidades carentes. Além disso, os números relacionados ao analfabetismo também demonstram queda.

Para ela, se a criminalidade diminui no bairro, foi porque se construiu uma base sólida de valores e afeto entre a população. “O problema da violência só é resolvido se você cria um laço de valores. Desde pequeno, ensino sentimentos de gratidão e respeito.” Mas os resultados, alerta, só são permanentes se o esforço for contínuo. “É importante que dentro de um trabalho como esse se invista muito tempo.” Apesar de comemorar as conquistas realizadas há tantos anos, ela declara que ainda não está satisfeita. “A gente fica feliz de um lado, mas sabe que ainda tem muito o que fazer.”

a comunidade carente, Ute se sente orgulhosa das mudanças na qualidade de vida das pessoas que ajudou a provocar. “Acho que com o tempo se criou um clima mais harmonioso na favela. Olhando os diários de antigamente, eu perce-